

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

39, Rua' do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARY: — Antonio Rubinstein — Victor Hussla (conc'usão) — D. Palmyra Baptista Mendes — **Ga-leria Lyrica**: Alessandro Bonci, Regina Pacini — Theatro de S. Carlos — Franz Schubert, poesia — Concertos — Noticiario — Necrologia.

Encetamos hoje o 2.º anno da nossa publicação, que foi pontualmente distribuida no 1.º e gentilmente acolhida por todos ou quasi todos a quem o assumpto interessa.

Dizemos *quasi* todos, porque o nosso systema de critica, por demasiado claro e leal, porventura não terá agradado a todos.

Sim, bem sabemos que em assumptos de arte, e especialmente de arte musical, não é de uso dizer senão cousas amaveis, ao passo que nas outras manifestações da actividade humana, pôde a imprensa julgar á sua vontade, reprimir abusos, castigar desmandos e até ás vezes ferir sem piedade.

A tanto não queremos ir, mas tambem não nos queremos submeter á praxe. E se esse nosso modo de ser é para alguns peccado, para a maior parte e para nós proprios é a unica alavanca de que podemos dispôr para levantar, na medida das nossas forças, o nivel d'essa arte querida a que votamos toda a nossa actividade e toda a nossa energia.

Não desejamos começar este novo periodo do nosso trabalho sem deixar aqui consignado um protesto de reconhecimento aquelles que nos tem dado tão obsequiosamente a sua colaboração, aos nossos assignantes

pela protecção concedida e a todos os artistas, quer profissionaes quer não, que tenham comprehendido os sinceros intuitos do nosso modesto jornal.

Antonio Rubinstein

E' esta uma das mais nobres figuras de musico, de que se pôde orgulhar a arte contemporanea; esboçar-lhe as principaes linhas, apontar os topicos mais salientes de uma tão notavel individualidade artistica, seria longa tarefa que só em obra de maior tomo poderia ser convenientemente tratada. Vejo-me portanto na necessidade de citar apenas algumas notas biographicas, que caibam nos acanhados limites d'uma pequena revista, como esta.

Nasceu Rubinstein na Russia em 30 de novembro de 1829, dizem alguns dos seus biographos que em 1830.

Sua mãe, uma habil pianista, encarregou-se das primeiras lições, mas era tal a precocidade do pequenino alumno e os progressos foram tão rapidos que a breve trecho, teve de confial-o aos cuidados de Alexandre Villoing, um excellente mestre e um caracter d'eleição. Interessou-se por tal forma pelo seu *pequeno prodigio* que, ainda elle não contava mais de 8 annos e já o fazia estreitar n'um concerto publico, em Moscow.

Dois annos depois, o mesmo Villoing levava o discipulo para Paris e apresentando-o ahi a Franz Liszt, teve a satisfação de vêr o famoso pianista vivamente impressionado pela surprehendente vocação do pequeno russo, nao hesitando em tomal-o sob a sua tutella e disposto a animal-o com as suas lições e com os seus conselhos. Comprehende-se como terá sido consideravel a influencia exercida por um mestre como Liszt no talento e na virtuosidade d'um discipulo como Rubinstein.

Ao cabo de 18 mezes partiu e começou então, apesar de creança ainda, essa vida errante do concertista que só devia dar por terminada quasi 50 annos depois!

Cincoenta annos de triumphos por toda a parte, cincoenta annos de gloria, colhidos dia a dia no velho e no novo mundo, nas cidades e nos burgos, nos salões dourados das primeiras casas reinantes e em pequenos theatros de provincia, modestamente engalanados para receber o triumphador.

Não queremos com isso dizer que não voltasse á Russia durante um tão largo periodo; voltou e muitas vezes, demorando-se mesmo em certas occasiões o bastante para empregar e levar a cabo, iniciativas de alta importancia artistica para o seu paiz.

Uma d'ellas foi a fundação em 1862 do Conservatorio de S. Petersburgo com o concurso do violinista Wieniawski, do pianista Dreyschok, do violoncellista Davidoff, do erudito professor de harmonia Zarembo e de alguns outros. Esse Conservatorio que só teve verdadeira importancia emquanto esteve sob a direcção de Antonio Rubinstein, produziu n'esse periodo aureo artistas de elevado valor, taes como o compositor Tschaikowski, a pianista Annette Essipoff, que ouvimos em Lisboa, o pianista Crós, o compositor Siecke e muitos mais.

Um dia abandonou Rubinstein estas funcções e voltou á vida nomada de concertista.

Tentou-o a America, como já havia tentado outros *virtuoses* celebres, Herz, Meyer, Thalberg, Gottschalk.

No novo continente, onde as ovações e os dollars se prodigalisam largamente em beneficio dos entes privilegiados que tem o condão de collocar-se, pelo talento, acima do resto da humanidade, teve Rubinstein larga copia d'umas e d'outros e voltou para o velho mundo, senão rico, pelo menos habilitado a fazer construir em Peterhof, proximo a S. Petersburgo, uma *villa*, que foi de então em diante a sua residencia de verão. Ahi compoz as suas grandes obras, ahi passou os ultimos annos da sua vida, ahi tambem morreu em 20 de novembro de 1894.

Mas só no ultimo periodo da sua brilhante existencia é que abandonou as glorias do tablado, em que as ovações e os applausos se transformavam por vezes em verdadeira apothese.

Em 1881 veiu bater-nos á porta — quiz deixar n'este cantinho do mundo, como lembrança imorredoura, um pedaço de ouro da sua aureola, que já então fulgia com brilho raro em todo o mundo artistico.

Foi n'esse anno de 81 que a musica em Lisboa indicava querer tomar uma boa

orientação, um caminho serio que parecia dever conduzir-a senão a um renascimento, pelo menos a uma feliz evolução.

Veio Metra, veio Colonne, e Sarasate e a Menter.

Veio tambem o Rubinstein e a 14 de março fazia a sua primeira apresentação no Theatro de D. Maria.

Damos a titulo de curiosidade o programma d'esse memoravel concerto:

1.ª PARTE

- a) — Beethoven — *Ouverture d'Egmont.*
- b) — Mozart — *Rondó.*
- c) — Haendel — *Gigue.*
- d) — Beethoven — *Sonata.*

2.ª PARTE

- a) — Field — *Nocturne.*
- b) — Beethoven — *Marche turque*
- c) — Chopin — *Fantasia, Nocturne, Polonaise.*

3.ª PARTE

- a) — Mendelssohn — *Variações serias.*
- b) — Schumann — *Estudos symphonicos.*
- c) — Rubinstein — *Melodia, Capricho, Barcarolla, Tarantella, Romanza, Valsa capricho.*

Já vão passados 19 annos e conservamos ainda, como se fôra ha um mez, a impressão vehemente que nos produziu não só a prodigiosa virtuosidade do artista, como ainda e talvez mais a profunda philosophia com que cada auctor e cada estylo eram reproduzidos e a malleabilidade quasi sobrehumana com que as mais desencontradas paixões eram desenhadas.

E a par d'isso, uma originalidade de processos e um colorido como nunca vimos em nenhum outro pianista; assim, o piano tornava-se amplo e cheio como um órgão, variado como uma orchestra, em que cada um dos timbres fortemente se accusava, como que por encanto, sob os dedos do genial artista.

Alguns criticos e entre elles um que é preciso venerar, Arthur Pougin, affirmam que a par das qualidades admiraveis que distinguíam o nosso glorioso biographado, havia falta de doçura e de *charme*, pelo que nem sempre conseguia commover.

Não é com uma simples audição, e tão remota, que nos atreveremos a contradictar uma opinião auctorizada como a do illustre musicologo francez, mas é certo que, de tal senão, se o notámos, não conservamos a minima lembrança.

Infelizmente a morte do Czar, a cujo serviço pertencia o admirável concertista, obrigou-o a partir repentinamente, privando-nos do inconfundível prazer de o ouvirmos em outros concertos.

Como uma das mais notáveis *etapes* da sua carreira gloriosissima, não queremos deixar de mencionar a famosa série de concertos historicos, que alguns annos mais tarde, em 1886, elle apresentou em alguns dos grandes centros artisticos da Europa, em Vienna, em Londres e n'outras cidades importantes. Compunha-se o memoravel cyclo de 7 concertos, dos quaes o primeiro destinado aos percussores inglezes, francezes, italianos e allemães, William Bird, Bull, Couperin, Rameau, Scarlatti, Bach, Händel, Haydn e Mozart.

Beethoven era objecto de um concerto especial e seguia-se Schubert, Mendelssohn e Weber. O 4.º concerto era exclusivamente dedicado a Schumann. No 5.º accumulavam-se Clementi, Field, Hummel, Moscheles, Henselt, Thalberg, e Liszt. O poetico Chopin era objecto de um estudo especial no 6.º concerto, com 30 trechos diversos e a escola neo russa figurava no ultimo com o proprio Rubinstein, Glinka, Balakireff, Cui, Tschai-kowski, Rimsky Corsakoff e Liadoff.

Este consciencioso estudo de quasi toda a boa litteratura do Piano foi a maior das consagrações da sua vida de *virtuose*.

A par de concertista excepcional, foi Rubinstein um compositor de rara fecundidade e sob este ponto de vista fez tambem honra á Arte e ao seu paiz.

E é para notar-se que em vez de continuar os processos de Glinka, que pretendeu e conseguiu imprimir á musica russa uma orientação nova, d'onde nasceu a mór parte dos modernos compositores slavos, preferiu Antonio Rubinstein ser mais eclectico que accentuadamente nacional e foi basear na severa Allemanha as suas mais pronunciadas tendencias de compositor.

Sob este aspecto, é enorme a obra de Rubinstein, mas nem sempre impeccavel. Quebrando todas as tradições, deixando a fantasia correr em demasiada liberdade, cahiu ás vezes n'um inevitavel erro, a falta de nexo e de ponderação. Mas a contrapor-se a essa mancha que de resto só attinge algumas das suas obras, quanta audacia, quanta imaginação, que riqueza de inspirações, que habili-dade de factura, que energia de rythmos, que novidade e que grandeza nos effeitos!

A não ser na musica sacra, affirmou-se em todos os generos o illustre compositor.

Para o theatro escreveu: *Les chasseurs de Sibirie*, *Dimitri-Donskoï*, *Tcherkese*, *Ka-*

lachnikoff, *O Demonio*, *Os Macchabeus*, *Les Enfants de la lande*, *Feramors*, *Le Perroquet*, *la Sulamite* e das ultimas o *Nero*, que percorreu as principaes scenas lyricas.

Para a orchestra um numero consideravel de peças e entre ellas as 6 symphonias, das quaes o *Oceano* e a *Heroica* são justamente celebres.

Bailados, ouvertures, oratorios, musica de camara, numerosos *lieder* para canto, peças emfim de todos os generos.

Para o piano, um reportorio enorme, no qual avultam os concertos, as sonatas, o famoso album a que deu o titulo de *Bal costumé*, e que está na estante de todos os pianistas, e muitos outros trechos de não some-nos valor.

Da obra colossal de Rubinstein, morto ha apenas 5 annos, começará em breve o tribunal da posteridade a pronunciar a sua sublime e grandiloqua sentença.

LAMBERTINI.

VICTOR HUSSLA

(Conclusão)

Decorreram em Lisboa os ultimos doze annos da curta vida de Hussla.

Foi durante esta phase que elle poude desenvolver todas as suas qualidades de musico bem dotado pela natureza e superiormente educado por bons mestres.

Tendo até então vivido n'um paiz onde os artistas superiores são numerosos e onde por consequente é muito difficil abrir carreira, não tinha logrado ainda occasião de se exercitar como director nem como professor.

Mesmo as primeiras tentativas que fizera na composição, não tinham ido além de dois ou tres pequenos trechos para violino e piano.

Veiu portanto aqui fazer as suas primeiras armas, no ensino e na composição. Por isso foi tambem aqui que desenvolveu toda a iniciativa das primeiras aspirações, trabalhando com juvenil enthusiasmo e tirando dos conhecimentos anteriormente adquiridos material para o proprio aperfeiçoamento.

Quando chegou era um verdadeiro principiante nas funcções que foi chamado a desempenhar; mas um principiante armado de optimos elementos para se tornar mestre perfeito.

E não tardou em o ser.

Chegou a Lisboa em principios de outubro de 1887, e já no nosso paiz é que completou 30 annos de idade.

Estava então a orchestra da Real Academia muito pobre de violinos; apenas Henrique Sauvinet, Augusto Guerschey e José Carneiro — discipulos tão distinctos de outro mestre cuja memoria tambem não deve ser esquecida, Narciso Pitta — mantinham com brio a fileira dos primeiros violinos. Outros que podiam reforçar-a tinham-na abandonado. Senhoras na orchestra, não se via uma só.

Hussla comprehendeu logo que para fazer fogo é preciso ter polvora, e dedicou se com grande ardor ao ensino do seu instrumento.

Encontrou na aula da Academia alguns alumnos já preparados com os primeiros elementos, e tratou de aproveitá-los; outros entraram de novo, attrahidos pela excellencia e zelo do ensino. Não se fizeram esperar os resultados: a orchestra foi-se povoando de violinistas, quasi todos discipulos da Academia, entre elles numerosas senhoras. Para testemunho do facto, basta citar estes numeros: em 1887 tinha a aula de violino da Academia quatorze alumnos matriculados, numero que, subindo sempre progressivamente, chegou em 1898 a sessenta e quatro.

A sua estreia como regente teve logar no concerto realisado em 5 de dezembro de 1887, anniversario do fallecimento de Mozart; executou-se a symphonia n.º 39, em mi bemol, d'este grande compositor, e outros pequenos trechos, entre elles o *Preislied* dos «Mestres Cantores».

Pouco depois apresentou a sua primeira discipula notavel, D. Maria Elvira Peixoto, que depois de ter feito um brilhante exame e ter tocado a solo em um concerto, entrou para a orchestra. Na época de 1888-89 já se sentavam nas fileiras dos violinos quatro senhoras, alumnas da Academia.

Todos os dotes indispensaveis n'um professor, possuia-os Hussla no mais subido grau; além de artista superiormente educado, era paciente, de fino trato e amoravel. Cada discipulo tornava-se promptamente n'um amigo.

Assim affluio-lhe numerosa clientela, sendo principalmente procurado pelas melhores familias de Lisboa. O violino, que antes raramente se via nas mãos de uma senhora, tornou-se instrumento preferido e estimado.

Seria longuissima a lista dos discipulos que elle ensinou, tanto na Academia como particularmente.

Como compositor produziu Hussla traba-

lhos de muito valor. De todos o mais importante é a sua grande symphonia, obra vasta e trabalhada com grande esmero no mais puro estylo allemão. De igual caracter é a «Abertura», composição menos extensa mas do mesmo modo trabalhada.

Não foram porém estas as suas produções que mais lisongearam o nosso ouvido meridional. Sobrelevaram-lhes no effeito as celebres «Rapsodias portuguezas», em que os nossos cantos nacionaes tiveram pela primeira vez a honra de ser apresentados luxuosamente revestidos de uma orchestração primorosa e em alguns pontos verdadeiramente admiravel.

Hussla, por educação e por temperamento, tinha uma orientação artistica muito difficil de se amoldar ao nosso meio e á nossa indole. Dotado porém de fina intelligencia, comprehendeu bem a incompatibilidade, que se lhe podia tornar perigoso escolho, e foi transigindo com o gosto da maioria ao mesmo tempo que procurava leval-a ao seu caminho.

Conseguiu em parte este ultimo empenho. Se a musica allemã não se tornou completamente a nossa preferida, nem o poderá ser nunca porque a natureza o não consente, adquiriu todavia um apreço muito maior do que antes se lhe dava.

Na symphonia e na abertura deu-nos elle testemunho completo do seu modo de vêr como artista; essas composições como que constituem a sua profissão de fé, mostrando-nos com toda a sinceridade o seu intimo ideal.

Todos os que as ouviram, sabem qual foi o effeito d'ellas no publico em geral; respeitou-se e admirou-se a obra sincera do artista, mas os seus accordes não fizeram vibrar sentimentos nem despertaram enthusiasmos.

Em outras mostrou-se mais transigente, sem todavia perder nunca a sua individualidade allemã. Por exemplo, no «Cantico das vagas», no poema «Vasco da Gama», especialmente na ballada «Triste vida do marujo», procurou effeitos que elle decerto não empregaria n'uma obra destinada a ser ouvida na Allemanha; mas a alma germanica, essa lá existe sempre, reconhecendo-se bem latente pelo prepassar da melodia infinita, pelo trabalho dos *leit motiven*, emfim, pela complicada contextura e predominio da harmonia.

Em todo o caso não ha duvida alguma de que Victor Hussla foi um musico de bella tempera, potente individualidade que prestou os maiores serviços á nossa vida artistica.

Compoz as seguintes obras (cito pela ordem chronologica da sua execução na Academia):

1.—«Arabesco», para violino com acompanhamento de orchestra, executado por Henrique Sauvinet, em 12 de março de 1888.

2.—«In memoriam», adagio para orchestra; 26 de maio de 1888.

3.—«Marcha festival», para orchestra, dedicada a D Luiz; 16 de dezembro de 1888.

4.—«Rêverie», para violino; por D. Elvira Peixoto, 13 de Dezembro de 1889.

5.—«Abertura» para orchestra, dedicada á Academia; 1 de fevereiro de 1890.

6 e 7.—«Berceuse», «Scherzo», para violino; D. Elvira Peixoto, 10 de maio de 1890.

8.—«Barcarolla» para orchestra; 3 de dezembro de 1890.

9.—«Tres Rapsodias portuguezas», para orchestra; 12 de fevereiro de 1892.

10.—«O Cantico das Vagas», ballada para canto e orchestra, poesia de Lopes de Mendonça; cantada por D. José d'Almeida em 6 de junho de 1892.

11.—«Suite portugueza», para orchestra, dedicada a D. Amelia; 12 de fevereiro de 1894.

12.—«Quatro peças características»: 1.^a «Ballada», 2.^a «Capriccietto», 3.^a «Barcarolla», 4.^a «Gavota». 18 de maio de 1894.

13.—«Fantasiestuck», para violino e orchestra; dedicada a Henrique Sauvinet e por este executada em 8 de março de 1895.

14.—«Tres Rapsodias sobre cantos populares russos», para orchestra; 3 de julho de 1896.

15.—«Symphonia em ré maior», dedicada a D. Fernando de Souza Coutinho; 3 de julho de 1896.

16.—«Impromptu», para violino; executado pelo sr. Mirés em 24 de fevereiro de 1897.

17.—«Melodias da opera de Carlos Gomes *Lo Schiavo*», para dois violinos e orchestra; 5 de abril de 1897.

18.—«Vasco da Gama», poema symphonico, dedicado ao Duque de Loulé; 11 de maio de 1898.

19.—«Rêverie», para instrumentos de cordas; 17 de março de 1899.

20.—«Feuille d'album», para violino; dedicada a M.^{lle} Alice Salusse e por esta senhora executada.

Foi esta a ultima composição que deixou completa e se executou.

M.^{lle} Salusse tinha-a mandado imprimir para presentear o mestre com a edição da

sua obra, mas elle não chegou a vê-la impressa.

Deixou ainda diversas composições por terminar.

Tentou uma vez o theatro, escrevendo uma peça burlesca, que se representou com pouco exito no theatro da Trindade; reconhecendo que não era esse o seu caminho nunca mais seguiu por elle.

Compoz tambem uns «Estudos technicos» para violino, que estão publicados. Quasi todos os trechos para violino estão egualmente publicados, assim como as «Rapsodias portuguezas», a «Marcha de Vasco da Gama» e dois trechos da «Suite portugueza».

ERNESTO VIEIRA.



D. PALMYRA BAPTISTA MENDES



HA alguma cousa de scismador e de vago na physionomia d'ella.

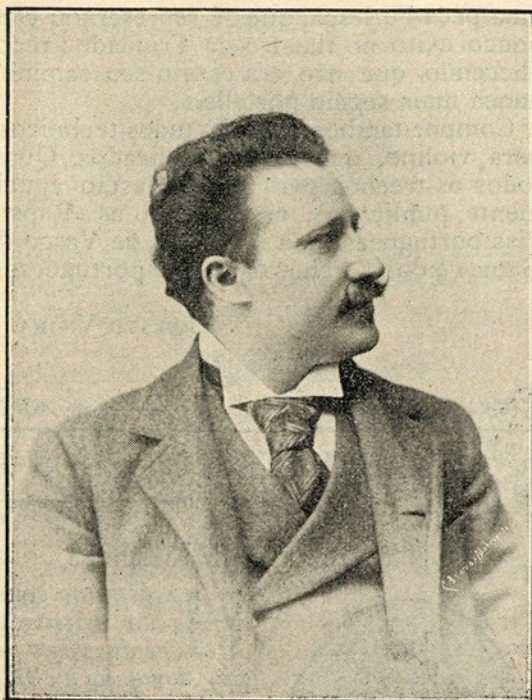
Dir-se-hia que á força de embeber os olhos na contemplação extactica da Belleza eterna, para si symbolisada na divina irradiação da Musica, adquiriu o especial e mysterioso encanto que n'esta Arte existe...

Vivendo entre harmonias cerulas e rythmos puros, mergulhando o espirito no banho de ideal poesia que de tudo isso emana, e facetando com as suas peregrinas e privilegiadas mãos constantes obras primas de inspiração e de technica, pois o são todas aquellas que perante nós executa, tal é o religioso amor com que as interpreta e o sabio relevo com que as reproduz, que espanta que iniciades e ignorantes, eruditos e illetrados, gentes simples ou gentes complicadas, sintam ao ouvil-a um como que divino antegoso de cereuleos sonhos?

Nova, tem no coração e no cerebro a melhor de todas as mocidades, a mocidade da illusão, que sobredoura a vida e poetisa o mundo, por isso encontrará sempre na sua divina arte coisas novas para nos dizer, coisas bellas para nos mostrar...

AFFONSO VARGAS.

GALERIA LYRICA



ALESSANDRO BONCI

Nos tempos que vão correndo em que um bom tenor é a *rara avis* que povôa os pesadellos de todo o empresario que se prese, encontrar um Alessandro Bonci que nos faça um Rodolpho na *Bohème* e um Arthur nos *Puritanos*, pela fôrma primorosa como o sympathico tenor os fez ha pouco em S. Carlos, é caso para felicitar o empresario que tão bem soube escolher e o publico que bem sabe que só mui difficilmente se encontra hoje um artista tão completo.

Bonci, que conta apenas 30 annos, tem uma curta carreira artistica cheia de triumphos. Debutou ha apenas 5 annos em Parma e já percorreu bom numero de theatros de Italia, Russia e Hespanha, onde tem sido aclamado como um dos melhores tenores da actualidade, pela frescura e maleabilidade da voz e pela intelligencia que põe em todos os papeis de que se incumbem.

Antigo discipulo de Felice Coen, um dos melhores mestres italianos de *bel canto*, o nosso perfilado tem todas as tradições da escola d'onde proveiu. Com as qualidades de que dispõe e com essa preciosa voz que lhe ouvimos, triumphará em toda a parte com a mesma facilidade com que nos conquistou a nós.



REGINA PACINI

E' gloria tambem nossa.

Aqui nasceu, aqui recebeu as primeiras lições de um outro estrangeiro que é tambem portuguez pelo coração e que lhe dirigiu os primeiros passos na Arte, com sollicitude verdadeiramente paternal.

Depois, começou a correr mundo, soltando da bocca prodiga, como fiadas de inestimaveis perolas, essas notas cariciosas e argentinas que são o nosso enlevo e orgulho.

Biographal-a, para quê?

Todos lhe conhecem o valor, todos a proclamam *rainha*, está no proprio nome a proclamação. Assim por toda a parte é adorada e applaudida e em todas as scenas que tem pisado o seu apparecimento é sempre um triumpho.

Aqui vem ella agora colher mais alguns louros para a sua corôa; por pouco que se demore entre nós, ha de vêr quanto lhe querem os compatricios, e com que ufanía a contam entre as suas melhores glorias.

Os *Puritanos* em que ella nos deu agora uma inimitavel creação, o *Barbeiro* que ouviremos breve, a *Mignon*, a *Dinorah*, o *D. Juan*, são outros tantos triumphos, em que Regina Pacini é hoje considerada o primeiro de todos os *sopranos ligeiros*.

THEATRO DE S. CARLOS

Os *Puritanos*, cantados na noite de 4 do corrente pela nossa compatriota Regina Pacini, pelo tenor Bonci, baritono Sammarco e baixo Perelló, tiveram o condão de fazer resurgir as sempre rememoradas épocas lyricas das grandes notabilidades artisticas.

Regina Pacini, hoje uma cantora unica no seu genero, é inexcedivel na correcta vocalisação, na justeza com que ataca as notas agudas e na arte com que respira, o que lhe permite cantar longos periodos musicas, ericados d'um rendilhado de notas.

Inutil especialisar este ou aquelle trecho, esta ou aquella melodia, porque em toda a opera o seu trabalho primoroso é digno dos prolongados applausos que o publico lhe conferiu.

Bonci, um tenor com um mavioso timbre de voz, *smorzando* deliciosamente e dispondo d'uma meia voz que é um encanto, tirou o maior partido do quartetto *A te, ó cara, amor talora*, assim como no duetto final *Vieni fra queste braccia*, em que, a unissono com Regina Pacini, attingiu o *ré bemol* sobreagudo, causando o maior entusiasmo.

Sammarco e Perelló, sempre correctos e dignos de applauso, tornaram-se principalmente notaveis no duetto final do segundo acto, que a pedido repetiram em quasi todos os espectaculos.

E as noites de 4, 5, 8 e 11 do corrente, com os *Puritanos*, foram excepçoes de entusiasmo e ovações.

*

No dia 7 tivemos uma audição do *André Chénier* com a soprano Jacoby, que não poude attingir o *sufficiente* para se fazer applaudir.

Sammarco, um baritono distincto como é, cantando bem a parte de Carlo Gérard, levou até ao exaggero a interpretação dramatica na scena do duetto do 3.º acto com Magdalena de Coigny, o que bastante comprometteu o seu trabalho.

Delmas, que já o anno passado cantou com agrado do publico a parte de André Chénier, foi o unico que se salvou no meio d'este desastre, para o qual bastante contribuíram tambem os córos e a deficiente direcção da orchestra, que muito pecca pela falta d'ensaios.

E outro tanto infelizmente nos vemos forçados a dizer da *Manon Lescaut*, cantada nas noites de 9 e 10 do corrente, em que debutou o sr. Colli, um tenor que já aqui esteve na época de 1892 a 93 que o audito-

rio recebeu fria e hostilmente, e que só dispõe d'umas notas agudas, já de bem difficil emissão. A sr.ª Cesira Ferrani, realmente compromettida, não deixou ainda assim de mostrar no decorrer da opera as superiores qualidades de que é dotada como artista e que lhe valeram merecidos applausos e chamadas especiaes em ambas as noites.

De Luca regular na parte de Lescaut.

*

Os desastres do *André Chénier* e da *Manon Lescaut*, para que em grande parte contribuíram córos e orchestra, mostram á evidencia a necessidade de não pôr as operas em scena com tamanha precipitação e de fazer uma melhor selecção de professores e maestro, evitando as annuaes mudanças de pessoal, do que resulta nunca haver uma execução correcta e uniforme. Um bom mestre é por vezes o sustentaculo d'uma opera.

Por aqui ficamos hoje.

ESTEVES LISBOA.

AO MEU AMIGO

O Ex.º Sr.

Michel'angelo Lambertini

Franz Schubert

Que vida luminosa e peregrina,
Que sublime, que doce melodia,
Que encantadora e magica harmonia,
Tem de Schubert a musica divina!

Como o seu brilhantismo me fascina!
Como, ouvindo-a, a minha alma se extasia,
Enriquecendo a minha phantasia
A grata sen-a,ão, que me domina!

Schubert divino! Schubert adoravel!
A tua inspiração pro'igiosa
Será eternamente mem'avel!

Ora ardente e ousada, ora graciosa,
Mas sempre de um lyrismo incomparavel,
Ninguem a póde ter mais primorosa!

Lisboa, 1899.

Zephyrino Brandão.

CONCERTOS

Referindo-nos ainda á ultima noticia que n'esta mesma secção demos no numero anterior, complimentamos a illustre profesora M.ª Baptista Mendes pelo bello exito

do concerto de apresentação de algumas das suas discipulas.

Entre estas, ouvimos algumas que são amadoras muito distinctas e para quem o futuro reservará um largo quinhão de glórias; mas até nas menos dotadas se nota a direcção firme e rigorosa, a pureza de escola e a unidade de orientação que caracterisam o processo de ensino da prestigiosa professora.

M.^{me} Mendes no *Concerto* de Mendelssohn teve um verdadeiro e merecido triumpho, tão legitimo como executante, como o que pouco antes tivera como mestra.

Das peças de violino, que M.^{elle} Alice Silva apresentou, destacaremos como factura e como execução, a *Reverie* de Vieuxtemps e a *Berceuse de Jocelyn* de Godard, que a gentil violinista tocou *hors programme*; se em todas as que executou nos evidenciou mais uma vez o grande talento de que dispõe, é certo que n'estas duas foi surpreendente pela maneira de phrasear e pela assimilação dos processos do insigne mestre que lhe deu o baptismo artistico.

M.^{me} Sarti, cuja admiravel dicção faz o encanto de quantos a ouvem e que n'esse ponto difficilmente será igualada, cantou o *Plaisir d'amour* de Martini, *Bal d'oiseaux* de Lacombe e *Si tu le voulais* de Tosti, sendo em todas entusiasticamente applaudida.

NOTICIARIO

Conforme vimos nas folhas diarias, o professor portuense Miguel Angelo offereceu á imprensa periodica uma audição a piano da sua opera *Eurico*, que já em tempos foi cantada no nosso Theatro lyrico, com fraco exito.

No dizer das mesmas folhas, pretende o sr. Miguel Angelo fazer cantar de novo em S. Carlos este *Eurico*, agora modificado de accordo com as modernas exigencias (!).

Nada podemos dizer mais sobre o assumpto, porque não tivemos a honra de receber convite para tal audição, lastimando como é natural, uma exclusão tão pouco justificada.

Foi adquirido pelo Sr. Conde dos Olivais e da Penha Longa o famoso cravo da Madre Paula, que pertenceu á casa Vallada e que se achava ha tempos exposto em um *bric-à-brac* da rua de Santo Antão.

Esta preciosidade historica esteve a ponto de sahir do paiz, pelo elevado preço que por ella exigiam.

Agradecemos ao maestro Andres Goñi a

visita com que honrou esta redacção. Como dissemos no numero precedente, este distincto professor que traz as melhores recommendações das notabilidades artisticas do visinho reino, foi contractado pela Academia dos Amadores para dirigir os seus concertos e para a regencia do curso superior de violino.

Seja bemvindo.

Já anteriormente alludimos a um *Anuario* de nova indole, que a nossa casa está editando e que verá em breve a luz da publicidade.

E' um *Anuario musical* para o anno corrente, que sirva por assim dizer de documento, conjunctamente com a presente revista, para a historia artistica do nosso paiz.

E' bem modesta esta historia, na verdade, se a confrontarmos com a dos outros paizes europeus, mas não será o nosso *Anuario* um bom estimulo junto d'aquelles que podem fazer alguma cousa em favor da nossa Arte? Se pecca por ingenuidade esta nossa ambição, que nos perdoem ao menos pela sinceridade e pelo enthusiasmo dos nossos intuitos.

O novo *Anuario* constará de Ephemerides musicas, principalmente portuguezas, revista artistica do anno de 1893, retratos d'artistas, moradas de professores, e muitas outras indicações que suppomos interessantes para quem cultivar a musica.

Será tambem enriquecido com algumas poesias, que nos tem sido amavelmente offerecidas e que constituirão sem duvida a parte mais brilhante do *Anuario*. Entre ellas, será publicado o mimoso soneto *F. Schubert*, cujas primicias damos hoje aos nossos leitores e que é obra do nosso querido amigo e illustre escriptor, o Sr. Zephyrino Brandão.

Agradecemos-lhe penhoradissimos a gentileza do offerecimento e da immerecida dedicatória.

*

A primeira collecção de bilhetes postaes illustrados com assumptos musicas que entre nós apparece, é a que acaba de publicar o sr. Costa com estabelecimento no Rocio, esquina da rua do Oiro. Esta primeira collecção tomou por assumpto a «Serrana», contendo as scenas e personagens de Alfredo Keil, desenhadas com inexcédível perfeição e de uma belleza absolutamente nada inferior ao que lá fora se faz n'este genero.

NECROLOGIA

Está de lucto o nosso amigo e talentoso violinista Julio Caggiani, pela perda de seu paé. Acompanhamol-o na sua dôr.